



# Nas estantes da biblioteca ubíqua: a importância dos multiletramentos na cibercultura

On the shelves of the ubiquitous library: the importance of multiliteracies in cyberculture

Lucia Helena de Andrade Santos, Universidade do Estado do Rio do Janeiro -  
luciaandrade.bib@gmail.com

**Eixo Temático:** O mundo digital: apropriação e desafios

## INTRODUÇÃO

No conto “A Biblioteca de Babel” (BORGES, 2005), todos os livros e o conhecimento estão dispostos nas estantes de uma biblioteca quase infinita. Na busca pelo conhecimento, os homens que ali circulam, se deparam nesta biblioteca de Borges, em um labirinto de estantes com livros indecifráveis, baseados no que já foi produzido anteriormente e novas invenções. Assim os personagens do conto percorrem aquela biblioteca, desejosos de obter respostas para tudo, sem muitas vezes conseguir.

Como naquele conto, o sonho de reunir todos os livros em uma gigantesca biblioteca foi acalentado por toda uma civilização, desde Alexandria. A rede de computadores conectados no ciberespaço, num primeiro momento, representou essa grande biblioteca que garantia o acesso a diversos tipos de informações e acervos eletrônicos. No entanto, é preciso considerar que a variada gama de textos disponíveis não se traduzirá em mais conhecimento, se não aprendermos a produzir saberes que deem conta de organizar o caos. “Uma biblioteca é um organismo em crescimento”, como expressa uma das cinco leis de Ranganathan para as bibliotecas: Crescer acompanhando as mudanças em seus suportes, em seus leitores, e na sociedade, constitui um desafio para as bibliotecas atuais.

Sob esse enfoque, é necessário que a biblioteca possa redefinir seu papel e ressignificar suas práticas para além da técnica de como utilizá-la, dado que nesse contexto de grande circulação da informação, o bibliotecário, muitas vezes atua



como educador, desenvolvendo habilidades para a utilização mais diversificada e crítica das fontes de informação.

Nessa perspectiva estabelecemos como pergunta norteadora de nosso estudo, como professores e bibliotecários podem atuar potencializando o letramento informacional na atualidade marcada pelo digital em rede, em mobilidade ubíqua?

Para responder essa pergunta utilizamos conversas com alunos de graduação e usuários de uma biblioteca universitária, buscando fomentar a discussão a partir do letramento informacional (GASQUE, 2012).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o desenvolvimento das tecnologias digitais em rede, as bibliotecas passaram por diversas transformações como: a automatização de seus processos, serviços de referência a distância, digitalização de obras, acessibilidade a base de dados online e a catálogos, permuta com outras bibliotecas, entre outros. De ‘*espaçostempos*’<sup>1</sup> fechados, labirínticos, administrados por monges detentores do conhecimento, e restritos a membros da igreja, ao longo do tempo, abriram-se ao público, fornecendo informações em diferentes formatos, construindo pontes para o conhecimento em rede. ‘A biblioteca de Babel’ - uma antevisão da *Internet*, com seus rizomas, nos quais textos remetem a outros textos e, na qual, perder-se significa mais dispersão do que não ter encontrado a única saída; ressalta a importância do bibliotecário, nesse contexto, como mediador da informação na busca pelo desenvolvimento do letramento informacional, a fim de facilitar o processo de inclusão social e digital.

Vivemos na cibercultura em mobilidade ubíqua, nossa cultura contemporânea, modificando os usos e costumes em todas as atividades humanas, para Lemos (2003, p.11) é “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica”.

---

<sup>1</sup> Esse termo “e tantos outros que ainda aparecerão neste texto, estão assim grafados porque, há muito, percebemos que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade têm significado limites ao que precisamos criar na corrente de pesquisa a que pertencemos. Com isto, passamos a grafar deste modo os termos de dicotomias herdadas: juntos, em itálico e entre aspas. Estas últimas foram acrescentadas com vistas a deixar claro aos revisores/as de textos que é assim que estes termos precisam aparecer” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 19-20)



Essa conexão total acarreta profundas mudanças de comportamento e faz surgir o conceito de ubiquidade; ou seja, a possibilidade de ser onipresente a todo momento e, ainda assim, manter sua mobilidade inalterada.

Santaella (2013) nos traz a noção de ubiquidade na comunicação ubíqua, onde as informações e processos comunicacionais acontecem em deslocamentos '*espaçostempos*' dos indivíduos, sendo que esta ubiquidade teve origem na computação. A computação ubíqua ocorre, de forma expandida, em '*espaçostempos*' diversificados e em diferentes formatos, adaptando-se à rotina dos usuários, que não percebem a sua atuação, integrando a mobilidade e a presença imperceptível da computação em suas vidas.

Com efeito, a ideia de ubiquidade aplicada a objetos, cidades, redes e informações, também se aplica à biblioteca; uma biblioteca que está nos aparelhos móveis, em nuvem de dados e pode ser acessada em qualquer tempo e lugar, e que constitui um conjunto de bibliotecas digitais de vários institutos de pesquisa, dos documentos organizados em bibliotecas pessoais e informações acessadas em deslocamentos, aonde o livro vai ao encontro do usuário. Esta biblioteca se expande por vários espaços, como na sala de aula, no laboratório de informática e nos bancos do pátio, possibilitando o recebimento de informações por meio de vídeos, áudios ou textos escritos em redes sociais ou em publicações especializadas. Nessa perspectiva, afirmarmos que a biblioteca hoje, está onde o indivíduo está. Ela é 'ubíqua', uma biblioteca marcada pelo compartilhamento e pela convergência, na qual as informações são disponibilizadas em múltiplos formatos e múltiplas linguagens.

Para Rodriguez (2011) se antes o livro encerrava os discursos e conhecimentos entre suas páginas, com a biblioteca ubíqua, este conhecimento foi lançado ao ciberespaço em uma imensidão de dados, questionando a multiplicidade de discursos e linguagens existentes hoje que modificou a confiabilidade de informação antes obtida nas bibliotecas físicas:

a biblioteca ordenou e classificou os livros com a vontade não menos certa e oculta de normalizar o mundo, organizar nossa experiência e domesticar nossa condição humana problemática. Mas o que acontece quando a proliferação de discursos, seus formatos e hierarquias explodem e eles não se encaixam mais nas prateleiras físicas de uma biblioteca comum? O que acontece quando novos usuários, os jovens aborígenes digitais, perseguem argumentos desleixados em milhares de formatos diferentes - vídeos,



áudios, textos em blogs, livros, webcams, redes sociais, etc.- que eles não respeitam a lógica cognitiva tradicional, a ordem serena do mundo que os livros propuseram? (RODRIGUEZ, 2011, s.p, tradução nossa)<sup>2</sup>

Com na passagem de um suporte do livro para outro, as bibliotecas foram se reconfigurando para atender às demandas do digital em rede e ainda manter um espaço como lugar de reflexão, em uma escola ou Universidade. Os desafios e as oportunidades dessas transformações são incomensuráveis. Com o digital em rede o sonho de obras acessíveis a qualquer hora e em qualquer lugar se tornou realidade.

Os novos suportes e tecnologias instigam as bibliotecas a se reordenarem e produzirem adaptações, pois seu principal objetivo é disponibilizar a informação. Chartier (2003) alerta para a insegurança de se guardar as obras apenas em formato digital, enfatizando que é a biblioteca do futuro deve ser “o espaço em que serão mantidos o conhecimento e a convivência da cultura escrita nas formas que foram e são ainda majoritariamente as suas” (CHARTIER, 2003, p. 120). Para ele, o acúmulo de informação em um único suporte ou lugar é perigoso para a transmissão da cultura a novas gerações. E quando o acesso a determinadas obras se dá apenas pelo digital, é necessário o acesso livre ou se não for possível a disponibilização do acesso por meio de alguma instituição com assinatura.

Para Lowry (2005, p.2), o conceito de biblioteca ubíqua é de uma “biblioteca acessível em qualquer lugar a qualquer momento”, embora ainda tome como referência apenas a biblioteca acadêmica que possui um corpo físico presente na universidade, mas disponibiliza seus recursos para a comunidade do campus, de forma generalizada.

Latour (2011), com base na afirmação de Pascal (1961, p.55) sobre a condição humana dizendo que “[...] esta é uma esfera infinita cujo centro se encontra em toda parte e cuja circunferência não se acha em nenhuma”, pensa o lugar da

---

<sup>2</sup>Texto original: “La biblioteca ordenaba y clasificaba los libros con la voluntad no menos cierta y oculta de normalizar el mundo, de organizar nuestra experiencia y domeñar nuestra atribulada condición humana. Pero, ¿qué ocurre cuando la proliferación de los discursos, sus formatos y sus jerarquías explotan y ya no caben en los anaqueles físicos de una biblioteca corriente? ¿Qué sucede cuando los nuevos usuarios, los jóvenes aborígenes digitales, persiguen argumentos deslavazados en mil formatos distintos -videos, audios, textos en blogs, libros, webcams, redes sociales, etc.- que no respetan en absoluto la lógica cognitiva tradicional, el ordenamiento sereno del mundo que los libros proponían?” (RODRIGUEZ, 2011)



biblioteca no mundo como uma “uma esfera cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum”<sup>3</sup> (LATOURE, 2011, p.1, tradução nossa). Assim a biblioteca ubíqua espalha-se em todos os lugares, sem uma centralidade, mas encontrando os leitores onde estiverem, além de que a máquina da biblioteca requer, cada vez mais, recursos tecnológicos para comportá-la.

Com bibliotecas várias dispersas no ciberespaço, o caminhar pelo mundo digital se apresenta, muitas vezes, como o primeiro contato ou único às informações. Diante do volume de informações circulantes, na sociedade atual, o papel da biblioteca está em constante ressignificação, para que, além de funcionar como repositório de recursos diversos, desempenhe um papel educacional, oferecendo serviços de apoio à aprendizagem, mediante acervos diversificados, com vistas à formação de leitores críticos, reflexivos e efetivos usuários da informação.

## **MÉTODO DA PESQUISA**

A metodologia empregada neste estudo, a etnopesquisa crítica (MACEDO, 2000) bricolada à multirreferencialidade (ARDOINO, 2012) e as pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2008). Na bricolagem metodológica, a negociação entre as metodologias se dá no ato da pesquisa (KINCHELOE, 2007), assim empregamos diferentes métodos e estratégias na pesquisa, aliando os princípios da multirreferencialidade, observando os fenômenos de forma plural, analisando os diferentes pontos de vista, com a etnografia crítica onde o pesquisador está em contato direto com a situação estudada e valoriza a perspectiva dos praticantes.

Nesse diálogo entre as metodologias buscamos nas pesquisas com os cotidianos aprimorar esse olhar inclusivo com as práticas cotidianas do ambiente escolar, pois para responder nossa questão de pesquisa acolhemos conversas com alunos de uma universidade pública no Rio de Janeiro e usuários de sua biblioteca.

Ao longo desse estudo, acionamos diversos dispositivos, como, livros, artigos, fotografias, vídeos, redes sociais, diário de campo, entre outros, tendo em vista melhor compreender as ‘maneiras de fazer’ de nossos praticantes – seus etnométodos: ou seja, como seus conhecimentos são tecidos e compartilhados em rede.

---

<sup>3</sup> “esfera cuyo centro está en todas partes y la circunferencia en ninguna parte” (LATOURE, 2011, p. 1)



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise dos dispositivos empregados emergiram noções, nossos achados da pesquisa. Em conversas com as praticantes, foram demonstradas a necessidade de se informarem e debaterem assuntos que surgem no dia a dia; o que demanda, além do letramento informacional, para identificar as fontes confiáveis, o desenvolvimento de um olhar crítico, com vistas à análise das informações disponibilizadas, como expressa uma das praticantes.

*Praticante: “Eu também gosto de pesquisar sobre determinado assunto para os debates que surgem. Eu não gosto de falar sobre um assunto sem saber. Na Bolívia está acontecendo um golpe, aí eu quero pesquisar, no celular, sobre esse assunto para saber o que está acontecendo de verdade”.*

Dessa fala surgiram a necessidade de pesquisar sobre as fontes de informação, além de crítica ao tipo de informação e veículo que a dispôs. Entendemos que seriam necessários letramentos diversos para dar conta da complexidade de linguagens e dispositivos que surgem no ambiente digital. Uma das necessidades indicadas por uma das praticantes foi a dificuldade em lidar com o computador:

*Praticante: “Não, eu tenho dificuldade com a informática, computador, eu tenho muita dificuldade, eu sou uma analfabeta... como se chama [risos] uma analfabeta a informática, sei só o básico. O a e i o u da informática e olhe lá, às vezes até esqueço”*

*Praticante: Notebook [...] quase não uso. Na sala de aula não usamos, o notebook fica em casa, fica mais para a pesquisa final de semana. [Na faculdade] já usei pouco, mais assim para a informação, para a pesquisa de trabalho não, [uso] pouco, só quando o professor pede.*

As transformações significativas são sentidas nas práticas sociais de letramento que, agora, envolvem a criação e utilização de textos multimodais; o que requer conhecer as funcionalidades e limitações de diferentes dispositivos digitais.

Na contemporaneidade fenômenos como desinformação atingem as redes sociais, o indivíduo precisa ser ‘informacionalmente’ letrado para atuar como cidadão consciente, crítico e reflexivo, com autonomia e responsabilidade.



As percepções desta biblioteca ubíqua que se expande para além das fronteiras físicas, podem ser acompanhadas por políticas de letramento informacional (GASQUE, 2012) amplifica essa capacidade, possibilitando o desenvolvimento de competências e habilidades específicas para buscar informações disponíveis em diferentes suportes e canais - digitais ou não, como livros, jornais, revistas científicas, audiovisuais, bases de dados, bibliotecas, redes digitais, entre outros, e usá-las, criticamente, com eficiência e eficácia (GASQUE, 2012). Ao considerar tanto o ambiente físico como o digital, o letramento informacional propõe o equilíbrio entre o uso dos recursos tradicionais e do digital em rede, no processo de *'aprenderensinar'*

Estas questões envolvem os multiletramentos (ROJO; MOURA, 2012) dado que as práticas sociais na cibercultura exigem a compreensão dos múltiplos *'espaçostempos'* nos quais textos, imagens e sons se inter-relacionam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência do desenvolvimento das tecnologias digitais, a biblioteca, como organismo vivo, influenciado pelo meio, ou por pressões externas, vem sofrendo contínuas mudanças. Como fonte tradicional de informação e de conhecimento formal, busca se adaptar aos novos tempos, orientando seus serviços, cada vez mais, à rede, na medida em que os dispositivos móveis emergem como os novos suportes da informação, provocando uma biblioteca ubíqua fecunda em informação, mas muitas vezes desordenada e imprecisa.

Além do compromisso histórico das bibliotecas, físicas ou digitais, como agentes informação, na atualidade, nosso desafio é agregar valor aos serviços prestados, tendo o bibliotecário como agente de educação e o letramento informacional como base, no tratamento das múltiplas linguagens que permeiam a cultura atual.

A realidade da biblioteca ubíqua, uma biblioteca marcada pelo compartilhamento, pela mobilidade e portabilidade, mobiliza as redes educativas a dialogar com estudantes, usuários de bibliotecas, professores e bibliotecários através dos multiletramentos integrando a universidade, biblioteca e ciberespaço, promovendo os multiletramentos atendendo as diversas praticas sociais existentes



na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda (Orgs). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. 3 ed. Petrópolis: DP et alii. 2008. p.39-48.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: após muitas 'conversas' acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSUKIND, Maria Luiza (orgs). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45.

ARDOINO, Jaques. Pensar a multirreferencialidade. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sergio. (Orgs). *Jacques Ardoino e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.87-99.

BORGES, Jose Luiz. A Biblioteca de Babel. In: BORGES, Jose Luiz. *Ficções (1944)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. E-book.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2003  
GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. *Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem*. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação/Universidade de Brasília, 2012.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen SS. *Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LATOUR, Bruno. Plus elles se répandent, plus les bibliothèques deviennent centrales. *Bulletin des bibliothèques de France (BBF)*, France, n. 1, p. 34-36, 2011. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2011-01-0034-007>. Acesso em: 08 jun. 2020.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: Cunha, Paulo (Org). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.





LOWRY, Charles B. Let's call it the "ubiquitous library" instead. *Portal - Libraries and the academy*, Maryland, v. 5, n. 3, July 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/pla.2005.0036>. Acesso em: 25 nov. 2020.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas Ciências Humanas e Educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.

RODRIGUEZ, Joaquim. La biblioteca ubíqua. *Los futuros del libro: libros, editores y lectores em El Siglo XXI*, Madrid, 4 mar. 2011. Disponível em: <https://www.madrimasd.org/blogs/futurosdelibro/2011/03/04/132975#.Xyd3KuhKjIU>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.